

# IMAGENS DO ARMÁRIO: UM OLHAR SOBRE PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO NAS DISCURSIVIDADES CONTEMPORÂNEAS

JJ Domingos (UFPB)<sup>1</sup>

[domingosjos@gmail.com](mailto:domingosjos@gmail.com)

Regina Baracuhhy Leite(UFPB)<sup>2</sup>

[mrbaracuhhy@hotmail.com](mailto:mrbaracuhhy@hotmail.com)

## Introdução

Neste trabalho lançamos um duplo olhar para a mídia: ao mesmo tempo que esta se configura enquanto um dispositivo de saber/poder sobre a sexualidade, é também um lugar privilegiado de produção e circulação das discursividades contemporâneas. Essas discursividades resultam da multiplicidade de abordagens, métodos e objetos que têm caracterizado o campo da Análise do Discurso (AD) atualmente no Brasil. Neste artigo iremos nos ocupar daquelas discursividades que comungam em sua materialidade elementos verbais e não-verbais (imagens). Para isso, necessário se faz considerar as formulações por que passou o projeto teórico da Análise do Discurso empreendido por Michel Pêcheux (1938-1983) e abrir uma região de relacionamento desse campo com a *semiologia histórica* proposta e desenvolvida por Courtine (2006).

Em paralelo com o arcabouço teórico da Análise do Discurso Francesa, buscaremos nas contribuições do pensamento de Michel Foucault para este campo do saber, elementos que nos possibilitem pensar as práticas discursivas de subjetivação/objetivação sobre o gay veiculadas na mídia. Assim, inventariemos desse autor fundamentos para discutir a relação do sujeito com o discurso na sociedade; mais precisamente problematizar as estratégias e condições de possibilidade por que passa o sujeito gay a fim de constituir-se enquanto experiência histórica do presente. Numa perspectiva arqueogenealógica interrogamos: a partir de que dizeres têm lugar, na mídia, as reverberações discursivas sobre a subjetividade gay? Nesse sentido, interessam também alguns efeitos de sentido sobre uma possível constituição identitária gay que vão se sedimentando no imaginário social, ao passo que outros vão se desestabilizando no embate dos jogos enunciativos na mídia.

O material de análise compõe-se de capas de revistas e peças publicitárias cujos enunciados põem em relevo o discurso sobre *sair do armário*, cuja emergência, como acontecimento discursivo, se deu no interior do movimento gay. Nesta tarefa, a discussão mover-se-á por alguns conceitos do método foucaultiano que serão relevantes na constituição do dispositivo de análise: enunciado, série enunciativa e subjetivação. Duas outras noções, *da Arqueologia do saber* (2008a) são interessantes para serem articuladas ao dispositivo de análise, a noção de enunciado reitor e a de árvore de derivação enunciativa. Ao contrário de mostrar um centro organizador dos enunciados, delimitando um ponto de originalidade, estas noções devem mostrar o modo de acúmulo dos enunciados, como estes se relacionam entre si.

## A Semiologia e as Discursividades Contemporâneas

Quando de sua fundação no final da década de 1960, para a Análise do Discurso, a materialidade sob análise era predominantemente verbal, ou seja, os textos escritos, bem como se restringia aos discursos políticos da época. Contudo, desde então,

---

<sup>1</sup> Doutorando do programa de pós-graduação em Linguística - PROLING na Universidade Federal da Paraíba .

<sup>2</sup> Professora Doutora e pesquisadora do programa de pós-graduação em Linguística - PROLING na Universidade Federal da Paraíba.

a base epistemológica da AD tem tido revolvida em virtude das novas materialidades que se lhe apresentam e demandam novos procedimentos que consigam dar conta de sua constituição, formulação e circulação, enquanto dimensão tríplice de seu objeto. Em face disso, justifica-se a necessidade de buscar conceitos que deem sustentação às análises dos discursos sincréticos contemporâneos. Uma vez que as transformações tecnológicas empreenderam mudanças no regime de produção dos discursos, a análise dos mesmos demanda igual transformação no arcabouço teórico.

É com vistas à relação do discurso com o suporte das novas materialidades que Michel Pêcheux, mesmo um pouco tarde, vai acenar para a possibilidade de diálogos de sua teoria do discurso com outras propostas que suportem a análise dessas materialidades híbridas. Assim, em um de seus últimos textos, *Papel da memória* ([1983] 2007) o autor nos provoca a “reencontrarmos” Barthes e seu trabalho sobre os sistemas não-verbais. Em razão de seu óbito precoce, o próprio Pêcheux não empreendeu esse diálogo, que viria acontecer com o trabalho de J.J. Courtine (2006).

Os estudos de Courtine, a partir da década de 1980, desenvolvem-se sobre materialidades não-verbais e enfocam as relações do discurso com a memória, a imagem, o corpo. Este autor vai deslocar a noção estruturalista barthesiana de semiologia para a proposta de uma *Semiologia histórica*. Tal deslocamento se dá via leitura do *paradigma indiciário* de Ginzburg, em que o olhar do analista se volta aos pequenos traços, aos indícios aparentemente breves de seu objeto, às minúcias cuja análise torna possível, por exemplo, identificar a autoria de determinadas pinturas antigas.

Desse lugar, Courtine formula uma semiologia histórica e caracteriza seu objeto como uma produção histórico-social:

Eu quero dizer que há necessariamente uma dimensão semiológica nessa antropologia histórica, nessa história cultural ou das sensibilidades [...] à qual eu consagrei, desde então, meu trabalho, a cada vez que nos interrogamos sobre o que produz signo e sentido no campo do olhar, para os indivíduos, num momento histórico determinado, a cada vez que tentamos reconstruir o que eles interpretam daquilo que percebem, mas ainda o que lhes permanece invisível. Provavelmente, a cada vez também que nos interrogamos sobre a historicidade das imagens. (COURTINE, 2011, p. 152)

Julgamos fundamental a contribuição dessa semiologia histórica para a análise de discurso, em geral, ao instrumentalizar as análises das diversas instâncias simbólicas que constituem as discursividades contemporâneas, e de modo particular, contempla as especificidades do objeto midiático e do *corpus* com que ora nos ocupamos.

Enquanto materialidade cuja realização se dá no suporte midiático, as capas e matérias das revistas, bem como os anúncios que tomamos para estudo são entrecruzados por elementos que articulam índices internos e da exterioridade dessas materialidades. Cores, textura, luz, corpo da fonte, por exemplo, são substâncias que influenciam, sobremodo, a formulação e a constituição de sentidos acerca da produção enunciativa. São nas distintas dimensões semiológicas do *corpus* que nos é possível observar as relações de poder que perpassam a produção discursiva contemporaneamente na mídia.

A presença heterogênea de elementos semiológicos na produção de enunciados pela mídia pode servir como mecanismo de realce ou de apagamento de determinadas marcas enunciativas. Com efeito, o entrecruzamento dos signos que constituem as imagens com a linguagem verbal sinaliza para determinadas direções discursivas. Perceber esses movimentos é o trabalho do analista do discurso. O gesto interpretativo

que este realiza face à materialidade discursiva carece de uma percepção para a amplitude desse material. Fazer funcionar a proposta da semiologia histórica no interior da AD, nos possibilita alargar nossa compreensão acerca do discurso. De mesmo modo, compreender como os elementos (híbridos) constitutivos dos enunciados não se dão a ver aleatoriamente na superfície textual, mas regulados por uma determinada *ordem discursiva*.

### **Práticas de Subjetivação na Ordem do Discurso**

Em A ordem do discurso ([1970] 2008b), Foucault expõe que a produção do discurso em sociedade passa por uma sequência de procedimentos de controle, seleção, organização e redistribuição, a fim de suavizar sua carga material e dissipar-lhe o perigo de sua produção. O discurso por si pode não ser assim tão “perigoso”, mas frente aos interditos que a ele se lança, logo se percebe seu vínculo ao desejo e ao poder. Referindo-se às formas de interdição do discurso, lança: “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (*ibidem*, p. 9).

Ainda na esteira do pensamento foucaultiano, podemos, pensando nas condições de possibilidade das discursividades contemporâneas, reatualizar sua indagação *por que determinado enunciado aparece e não outro em seu lugar?* e perguntarmos: por que determinada imagem é reiterada em detrimento de tantas outras na rede enunciativa em que orbita a prática discursiva do “sair do armário”? É possível pensarmos esta questão a partir de três aspectos discursivos que lhe perpassam: *a regularidade enunciativa, as relações de poder e os processos de subjetivação*.

Primeiro, na arqueologia foucaultiana, “o conjunto das condições nas quais se exerce a função enunciativa” (2008a, p. 163) é compreendido como a regularidade enunciativa. No interior da dispersão dos acontecimentos enunciativos, segundo Foucault, é preciso que busquemos as regras que regem a materialização desses enunciados. Ao buscarmos a regularidade enunciativa, mostramos as possibilidades, constitutivas dos enunciados, de reinscreverem-se em *um campo associado*, e assim, coexistirem com outros enunciados. Mostramos ainda, como forma de coexistência dos enunciados, o *domínio de memória* pelo qual é possível se estabelecer um processo de filiação, continuidade ou descontinuidade entre enunciados.

Ainda quando tratamos de regularidade enunciativa, fazemos ver *o campo de concomitância* pelo qual enunciados de diferentes domínios de objetos e tipos de discursos são trazidos para confirmação analógica ou para servirem de premissa ou modelo de raciocínio. Tratando desse processo de “recorrência” dos enunciados a partir do método arqueológico, Navarro (2011, p. 288) reafirma que “a análise deve supor que todo enunciado abarca um campo de elementos enunciativos que o antecede”. Tal constatação remete-nos a duas noções fundamentais do método arqueológico para compreendermos o funcionamento das regularidades enunciativas: *enunciado reitor e árvore de derivação enunciativa*.

Como afirmamos na introdução, ao referir-se a esses dois conceitos, Michel Foucault não visava delimitar um ponto de originalidade, um centro organizador dos discursos, mas mostrar o modo de acúmulo dos enunciados, como estes se relacionam entre si. Assim ele descreve uma árvore de derivação enunciativa:

em sua base, os enunciados que empregam as regras de formação em sua extensão mais ampla; no alto, e depois de um certo número de ramificações, os enunciados que empregam a mesma regularidade, porém mais sutilmente articulada, mais bem delimitada e localizada em sua extensão (FOUCAULT, 2008a, p. 166).

Desse modo, Foucault sugere que um dos papéis da *arqueologia* seria constituir a árvore de derivação dos discursos. Em sua organização, essa árvore traria junta à sua raiz os enunciados reitores, ou seja, aqueles que

(...) se referem à definição das estruturas observáveis e do campo de objetos possíveis, que prescrevem as formas de descrição e os códigos perceptivos de que ele pode servir-se, os que fazem aparecerem as possibilidades mais gerais de caracterização e abrem, assim, todo um domínio de conceitos a ser construídos; enfim, os que, constituindo uma escolha estratégica, dão lugar ao maior número de opções ulteriores (2008a p. 166).

Com o tropo da árvore de derivação para mostrar como se reacionam os enunciados, fica registrado que a depender do nível em que atuam, os enunciados empregarão regras de formação distintas, no entanto, mantendo-se a mesma regularidade, já que esta “caracteriza, pois, um conjunto de enunciados, sem que seja necessário - ou possível - estabelecer uma diferença entre o que seria novo e o que não seria” (2008a, p.167).

Sobre o segundo aspecto da questão que levantamos, é importante dizer do quão relevante é o papel de cada elemento que constitui a materialidade dos enunciados no processo de produção de sentidos. Foucault já lembrara que o discurso emerge em verdadeiros “campos de batalha”. Sua existência é gestada no interior das relações de poder: “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder” (2008b, p.10). Destarte, uma vez que os enunciados estão em constante jogo de forças, digladiam entre si para ocupar determinado lugar, se tornam objeto de disputa, a presença (ou a ausência) de determinadas imagens na mídia sobre o discurso da homossexualidade parece funcionar como forma de interdição, e como tal se liga ao desejo e ao poder.

Enfim, estabelecida a regularidade que caracteriza os enunciados e nos possibilita dispô-los em séries onde mantém relações de interdependência entre si, em seguida, observado o funcionamento das estratégias por que se dão as relações de poder no interior dos discursos, nos situamos agora no limiar dos processos de subjetivação. Estes se dão a ver em práticas que se exercem na pertinácia das regularidades de sentido e nas estratégias de poder.

Apesar de toda a diversidade de temas presentes na sua obra, Foucault afirma que o sujeito sempre fora o centro de suas análises (2006a). Mas, compreender a evolução do problema do sujeito na obra de Foucault, é necessário que lembremos; acima de tudo, é uma abordagem histórica para a questão da subjetividade. Em clara oposição à tradição cartesiana, Foucault argumenta que o sujeito não é uma substância, mas uma forma, e como tal, nem sempre é idêntico em si mesmo. Com efeito, o problema do sujeito é, para aquele autor, o problema da história da forma-sujeito. Em outras palavras, Foucault é conduzido a uma história das práticas em que o sujeito não é uma instância fundadora, mas o efeito de uma constituição.

Os modos (ou processos) de subjetivação são precisamente as práticas de constituição do sujeito. É possível distinguir dois sentidos do termo “Modos de subjetivação” na obra de Foucault: um sentido amplo e outro mais específico, (que diz respeito ao conceito foucaultiano de ética). No primeiro caso, Foucault fala dos modos de subjetivação como forma de objetivação do sujeito, ou seja, as formas pelas quais o sujeito é dado a ver como um objeto de uma relação particular com determinada forma

de conhecimento e poder (*ibidem*). Na verdade, os modos de subjetivação e objetivação não são independentemente um do outro, o seu desenvolvimento é mútuo. Por isso, às suas análises importavam as condições sob as quais se formam e se modificam as relações entre o sujeito e o objeto que condicionam uma forma de saber. Não são condições empíricas, tampouco formais, mas que estabelecem os *jogos de verdade* segundo os quais, aquilo que o sujeito pode dizer se inscreve no campo do verdadeiro e do falso (2006b).

Nessa perspectiva, ele próprio classifica seu trabalho como uma história dos modos de subjetivação/objetivação do ser humano em nossa cultura: a história dos jogos nos quais o sujeito, enquanto sujeito, pode converter-se em objeto do conhecimento. Contornando essa história, podemos caracterizar três modos distintos de como Foucault aborda a temática da subjetivação/objetivação dos seres humanos. A fim de nos mantermos no objetivo desse artigo, ora trataremos somente de um desses modos: *a maneira como o ser humano se transforma em sujeito*. Como exemplo nos serve a maneira como alguns indivíduos se reconhecem enquanto sujeitos de uma realização particular da sexualidade.

O segundo sentido empregado para *modos de subjetivação* está relacionado à maneira pela qual o sujeito se constitui como sujeito moral. Uma ação moral, nesse caso, é indissociável da relação do sujeito consigo mesmo. É o trabalho ético que o sujeito desenvolve sobre si em exercícios que não são menos diferentes de uma moral a outra, quer no sistema de regras, de valores e das proibições (FOUCAULT, 2007). Seguro de que em alguns sistemas de moral os modos de subjetivação adquirem um caráter essencialmente jurídico, Foucault igualmente reconhece que, noutros, as regras de comportamentos, por exemplo, não estão prontamente demarcadas. É nesse modelo de moral que se acentua o aspecto dinâmico dos modos de subjetivação. Também nele se inscreve, subjetivamente, o objeto e que trataremos em nossa análise.

## **Imagens do Armário**

Em um trabalho pioneiro acerca do papel do discurso sobre “sair do armário”, Sedgwick ([1993] 2007), afirma ser o “armário” um dispositivo de regulação, não apenas da vida dos gays, mas também dos heterossexuais uma vez que está diretamente relacionado aos privilégios de visibilidade e hegemonia de valores destes últimos. A pesquisadora argumenta também que toda a atenção dispensada em torno da questão da homossexualidade desde o final do século XIX esteve pautada fundamentalmente na demarcação de binômios como segredo/revelação, privado/público.

À luz dessa tese, ao longo da década de 1970, ganhou força no interior do movimento gay americano a política do *coming out*, que enquanto estratégia do discurso gay, consistia em incitar homossexuais a assumirem publicamente sua orientação sexual. São essas as condições de possibilidade em que emerge a capa da revista gay americana *Christopher Street* (fig. 01) em julho de 1976.

Quando Foucault afirma que “língua e enunciado não estão no mesmo nível de existência” (2007, p. 96), ele está nos alertando para relevância de outros sistemas semiológicos na constituição dos enunciados. Exatamente como se nos apresenta o enunciado na figura 01: composto em sua materialidade exclusivamente por signos não-verbais, esse enunciado nos põe diante da imagem de uma porta que se abre para uma dimensão externa que transcende o alcance de nosso olhar. Enquanto no vão de seu interior, restam apenas cabides vazios pendurados, notados através da intensa luz externa que invade o lugar. Lugar este que de imediato nos remete à imagem de um armário, e de igual modo, a da sala de estar de uma casa, tomada pela luz do sol.

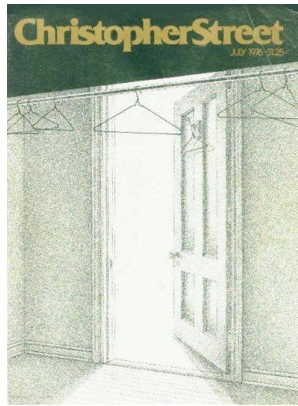


fig. 01

Essas possíveis imagens, a que remete o enunciado da capa da revista, estão inscritas num percurso de sentido que se efetiva diante da análise das condições históricas em este enunciado foi produzido: as políticas de emancipação do movimento naquele momento que convocava os gays a assumirem sua homossexualidade, mostrarem-se, tomarem as ruas, enfim, “saírem do armário”. Juntamente com esses sentidos que emergem na capa da revista, surge também o reflexo de uma posição-sujeito que se evidencia nos temas e estratégias que mobiliza ao enunciar: o destaque para a luz no centro da imagem reforça o contraste que alimenta a díade claro/escuro. O armário (ou a sala) como um local escuro, constricto traduz a ideia de opressão, tão combatida pelos gays naquele contexto. Ao mesmo tempo, a luz que se estende ao infinito na imagem sinaliza para uma leitura positiva do que seria a liberdade da vida fora do armário.

Ao demarcar seu lugar discursivo, o sujeito o faz no jogo das relações de poder em que se dá esse discurso. No enunciado da figura 01, essas relações vêm à tona no modo como o sujeito que enuncia interpela o enunciatário: este tem seu lugar demarcado na enunciação. Como elemento discursivo, o enunciatário “entra na imagem” e o enunciado, em si, extrapola os limites do suporte midiático. Para Barthes, é “como se a imagem lançasse o desejo para além daquilo que ela dar a ver” (1984, p.89). Quer dizer, a imagem do armário é vista, nesse caso, na perspectiva do leitor. É dele o olhar que espreita e captura o entorno a partir do interior do armário. Podemos ler então, que o sujeito gay, leitor potencial da revista, passa a se constituir nesse enunciado por uma prática discursiva de subjetivação/objetivação, esta autorizada por uma *vontade de verdade* assentada na sociedade de então.

Ainda sobre essa questão da *vontade de verdade* e das relações de poder que animam o discurso, decorridos quase 30 anos temos o prolongamento, na mídia brasileira, daquele acontecimento discursivo materializado na capa da *Christopher Street* (fig. 01). A capa da edição 1808 da revista *Veja* cujo tema são os gays, traz um enunciado multimodal, do ponto de vista da sua materialidade: no plano não-verbal, há a imagem de um casal de homens sorridentes caminhando abraçados. O casal é focalizado de costas e é desse ângulo que o observamos pelo buraco da fechadura (do armário?). Sim, o texto verbal nos propõe isso na *headline*: “A vida fora do armário”, complementada com os dizeres: “conflitos existenciais e desafios cotidianos dos que tiveram coragem de assumir a homossexualidade”.



fig. 02

O primeiro aspecto, ligado às relações de poder presentes no enunciado de *Veja*, que nos chama a atenção é o direcionamento da ordem do olhar do leitor para a imagem. Mais especificamente, o modo como o enunciatário é inserido no acontecimento da enunciação. O fundo ensolarado e colorido (pelas cores do arco-íris) da capa da revista vai sutilmente sendo tomado pela opacidade de uma sombra escura que preenche o primeiro plano da imagem. Desse espaço escuro (simbolicamente, o interior do armário), o leitor da revista – gay ou não – vislumbra a cena da alegria de quem “teve coragem de assumir a homossexualidade”.

Em termos foucaultianos, observar essa produção de sentidos que emerge da capa de *Veja* põe em relevo o papel da mídia enquanto dispositivo de poder/saber sobre a sexualidade cujo lastro sustenta todo um regime de verdade sobre o modo de vida gay. No enunciado da figura 02, vários elementos semiológicos participam dessa construção: a expressão feliz do casal, o espaço ensolarado (um parque, talvez) sob um céu de nuvens brancas (que preenche a logomarca de *Veja*), as cores vivas do arco-íris em contraste com a sombra escura que contorna as bordas da imagem, a relação do ato de “assumir” com um gesto de coragem funcionam como índices valorativos da vida fora do armário. Nesse sentido, ao gay é sugerido reconhecer-se enquanto sujeito para quem vivenciar livremente a sexualidade demanda um ato de coragem.

Conforme afirmamos antes, para a arqueologia foucaultiana, um domínio de memória comporta sistemas de regularidades que possibilita aos enunciados coexistirem. Notemos no enunciado seguinte que o mesmo estabelece uma regularidade com os dois anteriores: a edição de *Veja* de 12/05/2010 tem na capa o enunciado verbal “Ser jovem e gay. A vida sem dramas. O estudante (...) 17 anos, assumiu-se gay para a família e os amigos aos 14”. Este enunciado retoma sentidos presentes em 01 e 02, como os de que viver no armário é um drama ou uma forma de opressão. Dentro desse campo de coexistência, os enunciados estabelecem relação de filiação, continuidade e descontinuidade: se em 02, assumir-se gay requer um ato de coragem, em 03, os jovens fazem isso cada vez mais cedo (como mostra a reportagem dentro da revista), sem drama ou gestos grandiosos.



fig. 03

É importante notar que embora não haja nesse espaço enunciativo (diferentemente de 01 e 02), referência direta a metáfora do armário, este sentido se faz presente na materialidade do enunciado: o uso da expressão “assumiu-se gay” atesta isso. Ou mais: o estudante fotografado na capa aparece abaixado num espaço de onde se erguem duas leves paredes cujo ângulo forma uma espécie de cubículo (o armário?). Com as mãos apoiadas nas extremidades da estrutura, em seu gesto ele parece pronto para desmontá-la com um simples toque. Outra regularidade que se estabelece entre os enunciados dessa série, que indica o exercício de uma prática de subjetivação, diz respeito ao sentido construído sobre “estar fora do armário”: ainda que verbalmente se mencione, “conflitos existenciais”, “desafios cotidianos”, “dramas” é a ideia de felicidade que se sobressai na materialidade não-verbal dos enunciados. A ênfase da

mídia no discurso sobre sair do armário é dada aos elementos de outros sistemas semiológicos que não o verbal.

Seguindo essa “recorrência” enunciativa sobre a positividade de sair do armário, outros exemplos desse discurso circulam cotidianamente na mídia. Na edição 2201 de *Veja*, a revista trouxe uma entrevista com o cantor Ricky Martin (cujo *outing* foi notícia em toda mídia) com a chamada: “A felicidade foi me assumir”. A ideia de que, apesar da carreira de sucesso o artista só se realizou de forma plena ao revelar publicamente que era gay perpassa toda a matéria. Outro exemplo foi quando do reconhecimento da união estável entre pessoas do mesmo sexo pelo STF a revista *Época* de 07/05/2011 noticiou: “STF sai do armário – ao reconhecer por unanimidade os direitos de casais gays, o STF induz o país a se modernizar”. Mesmo ao “jogar” com os sentidos da expressão sair do armário, a revista retoma o sentido positivo para o discurso de “sair do armário”, relacionando-o com a ideia de modernidade.

Ainda que a representação do armário gay se transforme na mídia, conforme vemos em 03 este já não mais um lugar escuro e opressor como em 02 e 03, contudo sua reafirmação e deslocamentos na mídia continuam bastante produtivos. Como afirma Sedgwick (*ibidem*), os deslocamentos da expressão “sair do armário” são tão comuns que parece haver um “esvaziamento” de sentido em seu uso antes circunscrito ao meio gay. É nesse ponto que podemos verificar como se constitui uma árvore de derivação enunciativa, segundo a arqueologia de Foucault.

Nessa análise, estariam na raiz, como *enunciados reitores*, aqueles que possibilitam a emergência da política do *coming out*; por exemplo, a capa da *Christopher Street* (fig. 01). Seguindo suas ramificações, encontramos elementos vindo de outros discursos se incorporando a esse enunciado; é o caso da notícia da revista *Época*: “STF sai do armário”. Ele mantém a regularidade, mas noutra regra de formação. Por fim, no topo da árvore, enunciados da mídia que sinalizam uma prática de subjetivação em torno do discurso do armário. O enunciado da figura 03, o da matéria com Rick Martin, por exemplo, eles empregam a regularidade presente nos demais de forma sutil, sem referência direta a sair do armário. Com esse exercício identificamos uma possibilidade de acúmulo dos enunciados.

Toda essa série de enunciados espalhados ao longo do texto, que se cruzam acenando para um modelo de prática discursiva de subjetivação/objetivação. Nele, o sujeito gay torna-se objeto de um saber sobre a sexualidade. De forma paradoxal, ele precisa “sair do armário” para entrar na ordem do discurso. Como ensina Foucault, é o processo mútuo da subjetivação e da objetivação. O trabalho desse sujeito de conhecimento sobre si mesmo é também o modelo a que será submetido o seu dizer. Assim, retomando Sedgwick (*ibidem*), longe de ser um fim tranquilizador da construção de si, é o parâmetro para a constituição de um modelo relacional calcado na manutenção de valores contraditórios e excludentes.

### Referências:

- BARTHES, Roland. [1980]. **A Câmara clara**: nota sobre a fotografia. Trad. de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.
- COURTINE, J-J. **Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública**. Organização e tradução de Carlos Piovezani e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2006.

\_\_\_\_\_. Discurso e imagens: para uma arqueologia do imaginário. In: SARGENTI, Vanice; CURCINO, Luzmara; PIOVEZANI, Carlos (Orgs.). **Discurso, semiologia e história**. São Carlos, Editora Claraluz, 2011. p. 145-162.



FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IV: estratégia, poder-saber**. MOTTA, Manuel Barros da (org.). 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.

\_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos V: ética, sexualidade, política**. MOTTA, Manuel Barros da (org.). Tradução de Eliza Monteiro, Inês A. D. Barbosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007a.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia do saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

\_\_\_\_\_. **A Ordem do discurso**. Tradução de Laura Faga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 17ª Ed. 2008b.

NAVARRO, Pedro. Práticas discursivas de subjetivação: dispositivos de análise. In: SARGENTINI, Vanice (Orgs.). **Discurso, semiologia e história**. São Carlos: Claraluz, 2011. p. 267-292

PÊCHEUX, Michel. *Papel da memória*. In: ACHARD, Pierre. [et al]. **Papel da memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, [1983] 2007, p. 49-57.

SEDGWICK, Eva Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 28 de Junho de 2007. Disponível a partir do <<http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em 24 de agosto de 2012.